



Entre plantas e crianças: considerações de relação no lugar

Beatriz Vera¹

Introdução

A reserva Pirajuí localizada no município de Paranhos no estado de Mato Grosso do Sul, é uma reserva que no passado, teve sua vegetação rica em biodiversidade, sobretudo no que se refere aos vários tipos de plantas. A maior parte do espaço da Reserva era composta por vegetação nativa de cerrado ao sul da reserva e no norte de vegetação de mata atlântica dentro da reserva encontramos uma subdivisões de vegetação que enriquece a diversidade de paisagem num lugar. E neste presente trabalho teremos o aporte da memória dos moradores antigos e as crianças em relação as plantas no seu espaço cotidiano para tanto, buscar entender o lugar, o espaço da criança em relação as plantas no ambiente. Entender como ao passar do tempo quais tipos de relação existe entre plantas e educação dessas crianças.

O objetivo principal desse trabalho é verificar como o espaço, o lugar em que as crianças indígena guarani Nãndeva se relacionam com as plantas, em que sentido a um direcionamento no contato entre plantas e crianças, no espaço que as próprias crianças se dirigem através do espaço construído pelos pais sobretudo, o entorno da casa onde vive e como cria seu espaço próprio dependendo das plantas escolhida que envolve as ações dos pais.

¹ Pós graduanda em Geografia- PPGG, pela Faculdade Ciências Humanas-FCH na Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD.

Desse modo, o controle dos pais sobre o espaço para as crianças se envolvem e fazer presente tendo as possibilidades de relação de lazer nas plantas. Ao frequentar o espaço das plantas conta a permissão e aprovação de pais para que seja autorizado subir nas árvores, ou ficar embaixo de determinadas das quais plantas. Por esta razão optamos em realizar visitas nas casas a fim de observar o lugar, o ambiente e como é o relacionamento dos pais com os filhos em relação as plantas. Os pais que nos apresentam o lugar e através a visita, o estar com as crianças nas casas através de diálogos com os pais verificar o comportamento e a educação dos filhos em relação ao do lugar que são mais frequentados pelos filhos, o contato com as plantas e quais tipos de plantas, ou apenas um tipo de planta. Quando chega as outras crianças se os amigos onde levam para brincar e qual é o espaço preferido das crianças.

Assim o caminhar pelo espaço das crianças se relacionam com presença das plantas. Como o espaço do brincar e lugar de contato para sombra se mescla com o balanço que as folhas fazem havendo uma interação entre brincar e refrescar esse cenário protegem as crianças dos raios solares. Nota-se também o marco que as crianças deixam nas plantas no momento em que percebem a ausência dos amigos ao chegar na casa da criança e encontrar só a mãe e pai, é pode ver o marco das crianças pela plantas, as pegadas deixada através de mancha de terra em cor marco.

O estar das crianças cria uma ação nas plantas de movimento e voz, que rodeiam ao entorno, no não estar das crianças no espaço das plantas, nessa relação pode-se entender e ver, que existe uma relação afetivo de humanos ao espaço das plantas. Assim que as crianças tem o seu momento para frequentar seu espaço com as plantas, na hora de brincar sozinhas, ou com as visitas de outra criança na sua casa que pude ver a planta com e vista sem a presença da crianças mas que tem seu marco de que e uma planta especial que a criança frequenta que sobe naquela planta que no pé das plantas e nas folhas pode-se ver que es uma planta que esta sem movimento mas que as crianças fazem seu artes e movimentos de brincadeiras naquela árvore.

Ao olhar a relação das crianças com as plantas no seu espaço, passamos a pensar se as crianças do nosso passado lá nos anos de 1928 período em que foi criada a reserva indígena Pirajuí. Como eram os modos etnicos de relação das crianças e sobretudo como era o lugar e o espaço vivida entre as plantas, pode-se ver no trabalho realizado na Conclusão de Curso na graduação em Ciências Humanas na pesquisa realizada destacando como era Pirajuí, as matas intocadas. Mas com o passar do tempo,

ocorreu o processo de desmatamento nas árvores para construção de roça, como as plantas reagiram o processo de desmatamento, quais as suas consequências e se houve outros tipos de plantas que chegou dentro da reserva ocupando o espaço como seu lugar que foi fazendo parte da reserva, desse modo, se inserem na história densa de processo de desmatamento das árvores e as queimadas que ocorreram que acarretou na transformação de paisagem.

Vera (2017), na sua pesquisa de trabalho de conclusão do curso sobre as transformações no espaço geográfico na reserva Indígena Pirajuí a partir da memória das pessoas mais antigas, relata o trabalho de campo com as pessoas, morador antigo e recente na reserva Pirajuí conta através da memória, como era a reserva Pirajuí. As matas e cerrados, as frutíferas nativas e as pessoas em movimento, que somente transitavam a pé nas trilhas e não tinha estrada e ao contar como eram as trilhas. Nos lugares distantes as pessoas entrevistadas, ficavam impressionadas com elas mesmas de como trilhavam lugares distantes para outros lugares e no mesmo dia voltava para sua casa, a dona Matilde entrevistado ano 2017:

E quando chegamos aqui não acostumamos não queriam continuar a morar aqui e queríamos voltar para Carapã (Carapã é uma aldeia localizada no Paraguai) mas a mãe dizia para nós que mesmo não acostumando vamos ficar morando aqui. E aqui era uma miséria não tinha nada e eu e minha irmã voltávamos sempre para Carãpa onde morávamos saíamos de manhã cedo de casa e voltávamos no mesmo dia em Pirajuí, e no Carãpa nós caçávamos perdiz e colhíamos Jakaratiá e essas frutas eram do mato e nos voltávamos de Carãpa a pé e nos gostávamos de andar a pé. (VERA, 2017)

A dona Matilde e a irmã não se adaptaram em morarem na aldeia Pirajuí, quando chegaram para morar, pelo fato que não havia árvores frutíferas e outros alimentos para caçar, por isso sempre voltava para sua antiga morada que se chamava a aldeia de Carapã. Naquele tempo a dona Matilde era uma jovem menina e gostavam de caminhar a pé. Caminhava a pé muito distantes, fazia ida e volta num mesmo dia. Antigamente as pessoas caminhava pelas muitas estradas, percorria distâncias para chegar a outra comunidade, assim levar notícias ou levar comida para o seu pai que estava no trabalho em meio ao mato ou nas fazendas.

E dona Matilde conta que gostava de colher as frutas encontradas nas matas e gostava de caçar perdiz nas matas que ao redor da casa, lá podiam brincar, caçar e subir nas árvores para colher frutas.

Brincavam muito nas árvores durante a infância brincavam muito nas matas, conhecia trilhas e nas trilhas brincavam nas árvores e sabiam subir nas árvores especialmente nos cipós. Na maioria das vezes a brincadeira era subir nas árvores e se jogar junto com o cipó para outro lado e o cipó voltava para outra irmã pegar cipó e se jogar pular para outro lado e também gostava de pegar pedras e jogar para outro lado de vales a brincadeira e jogar para mais longe e escutar o barulho da água com pedra no rio.

E no dia 02 de agosto de 2018, durante o diálogo com a dona Matilde ela relata: quando chegaram para morar na reserva Pirajuí depois do ano de 1965, era adolescente lembra muito bem de como era as brincadeiras, que sabia andar nas matas descrevendo como brincadeira favorita da época era subir nas árvores e brincar nos cipós explicitava como sabiam andar pelas matas e brincava muito de jogar pedra no outro lado da mata com o irmão e irmã porque onde morava tinha morro vales que as crianças de antigamente brincava muito nas matas nas árvores era uma diversão que hoje e diferente as crianças vão para campo de futebol e muitas crianças só vão para campo de futebol para olhar e volta sem jogar que hoje e muito diferente de antigamente e andávamos mais a pé e gostávamos andar a pé que hoje também não andamos mais a pé pelos caminhos distantes como antigamente.

Observamos a diferença modo de transitar nos lugares pelo embaixo e presença de árvores ao entorno das trilhas. Podemos ver a relação de crianças pelo ambiente em que vive. Os passo das crianças pelo lugar.

Entre árvore e plantas: o processo de desmatamento

Entre os anos de 1965 até ano de 2000 a aldeia indígena Pirajuí estava em processo de desmatamento, e estava ocorrendo em forma de roçal a comunidade de Pirajuí chamava de roçal quando as árvores estavam sendo derrubadas para a construir roças. Essa derrubada das matas densa eram realizadas para construir roça era precisava fazer roçal (roçal- no modo de desmatamento de árvores) . No mesmo período de tempo que ocorria o roçal dentro da reserva Pirajuí, essa prática do roçal ocasionou na

desmatada as árvores nativas existentes na reserva Pirajuí. Muitos indígenas Guarani Ñandeva trabalhavam no roçal se organizavam em grupo para durante a retirada da vegetação e a incorporação de alguma cultura dentro dessa roça, para receber em troca mercadorias.

Nas fazendas, na colheita de semente de braquiária. Para muitos indígenas Guarani da reserva Pirajuí trabalhou na colheita de semente de braquiária o fazia em troca de mercadoria. E com a colheita de semente de braquiária os trabalhadores traziam as sementes de braquiárias na Pirajuí e as sementes vinham na reserva indígena Pirajuí através do calçados dos trabalhadores e assim começou a presença de braquiária que só aumenta as plantas braquiária que não faz parte do espaço que até hoje existe braquiária na reserva Pirajuí e as braquiárias não é bem visto pela comunidade porque ela resseca outras plantas e não deixa outras plantas crescerem bem e pouco tempo agora existe eucalipto e pinheiro em torno das casas que foi migrada dentro da reserva pelos moradores em casas.

O eucalipto foi trazido de fora, para plantar nas casas de alguns moradores. Plantam para ter em casa como remédio, para sombra, ou para utilizar depois como madeira para construção de sua casa e também para vendê-la para não indígenas. Já o pinheiro, chegou através dos alemães da missão evangélica, os alemães fez as plantações de pinheiro na chacara da missão as pessoas indígenas da Pirajuí, pegavam as mudas para plantar nas suas casas desse modo, hoje encontram-se pinheiro na maioria das casas dos moradores da reserva Pirajuí.

Com as mudanças ocorreu as transformações geográficas na paisagem, as plantas, ou seja, as árvores possuem resistência em manter os tipos de plantas nativas na reserva Pirajuí. Para as pessoas mais velhos e velhas, todos os tipos de plantas nativas existentes e aquelas que já desapareceram, são muito sagrado, porque cada tipo de planta tem suas funções, diferentes no conhecimento indígena, como o uso plantas medicinais e entre outras relação de contato com plantas e árvores.

Na vida cotidiana a percepção é que os moradores da reserva Pirajuí, tem afeto muito grande pela natureza, nas casa ao transitar, vemos casa construída de madeira com pau a pique, outro de material de tijolo e telhas ou telha e sua maior construção e o pátio com plantação de plantas para sombra, alimento através das frutíferas que são pegos na casa da vizinha, ou da casa dos parentes. Há uma troca de plantas de casas em casas. Na maioria das casas o terreiro é coberto por grama que deixa o pátio da casa mais verde com a presença da grama na cultura guarani Ñandeva, as donas das casas

gostam de plantar vários tipos de flores no seu pátio, ou ao redor casa, as donas das casas também fazem troca de flores com seus vizinhos e parentes. Acredita-se que a maior parte da comunidade, se preocupa bastante com o pátio da casa, cuida e planta todos os tipos de plantas conforme o gosto do dono da casa, principalmente as plantas de flores, árvores frutíferas e roças. Os cuidados da casa e do pátio os pais, confirma que os filhos entendem que o espaço precisa estar limpo e bem cuidados. Para os filhos frequentarem quando a planta tem espinha é preciso cortar, quando tem criança pequena porque a criança pode ter contato com a planta e se ferirem, por isso tem cuidados com as plantas, os tipos dependendo da idade da criança que já tem noção com quais plantas a se relacionar no sentido de tocar e subir nela.

Relação entre plantas e a criança

Caminhar em encontro de educação familiar como a constatação de MÉLIA, 2019. Na experiência educativa familiar:

JAJAPYSAKA- ÑAHENDU- JAJAPO- JAIKUAA- ÑAMBA'APO. Esta puede ser la sequencia de la educación que nos atrevemos a proponer. As crianças também desenvolvem o seu espaço do lugar que podemos TENSIONAR- OUVIR- FAZER- SABER E TRABALHAR o espaço do lugar entre criança em modo étnico de exploração de experiência enomais por pertencer naquele lugar entre árvores e plantas

Nos dias 17 á 21 de julho foi o dia de visita na casa de algumas crianças na reserva Pirajuí. As visitas foram realizadas na casa do Weberson de 9 anos de idade e de seu irmão Luan de 8 anos de idade, na casa da Larissa de 8 anos de idade, na casa de Davi de 8 anos de idade, na casa da Doralice que tem uma filha de 3 anos de idade, na casa de Sandra que tem dois filhos pequenos, na casa da dona Jenny que tem tres filhos pequenos, na casa da Stefany com 9 anos de idade, na casa do Bino de 7 anos de idade e na casa do Iago de 6 anos de idade .

Observamos o lugar e espaço dominado pelas crianças do lugar na presença junto a árvore ou seja plantas. Vejamos:



Imagem 1- Ypé. Foto na casa de weberson e Luan.

Fonte: Foto Beatriz Vera, 19 de julho em 2018.

O que vemos na imagem acima?

Como seria a planta com a presença de crianças pelo entorno.

Considerações finais

Na imagem 1 vemos um pé de ype, mas não somente um ype como os outros no meio de outras árvores fechadas na mata, mas vemos que tem uma marca de terra que houve um movimento na planta que é de criança. Espaço de criança na planta e a planta marca o lugar de movimento através de galhos, sombra e balanços através de vento do dia.

Assim podemos imaginar também o outro estar vivo de criança pelas plantas que está sendo um movimento e voz que movimenta o lugar e o sentir a criança pelo lugar da árvore e o sentir de árvore através de marco de enraizamento em folhas e galhos que fazem ser outro momento de movimento. O estar da criança entre plantas e um movimento vivo. E a planta que ao ficar sozinha sem presença de árvores e outro estar vivo pelo marco das crianças.

Referencias bibliográficas:

VERA, Beatriz. *Transformações no espaço geográfico na Reserva Indígena Pirajuí a partir da memória das pessoas mais antigas*. Trabalho de Conclusão de Curso.

Dourados: Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu ó Faculdade Intercultural Indígena ó UFGD, 2017.

MELIÀ, Bartomeu. *Mundo guaraní*. Assunção: Estudios de la Iniciativa Mundo Guaraní. 2006.

MÉLIA, bartomeu, sj. Dourados. Brasil. 18, febrero, 2019.